



Contra a intervenção em Espanha!

O governo de traição nacional, continua levando aceleradamente Portugal para o abismo. O nosso país vai-se, dia a dia, transformando numa província da Espanha fascista, e se todos os patriotas não se unirem como um só homem, para a defesa da independência nacional, Portugal será dentro em breve riscado do mapa da Europa como nação independente. O nosso destino será igual ao da Austria. Já cá temos o Seiss Inquart português, que se chama Oliveira Salazar.

Quando da celebração da «festa da raça» na catedral de Salamanca, o representante de Franco, discursando, não deixou dúvidas sobre o destino que os fascistas reservavam a Portugal: «RECONSTITUIREMOS O IMPÉRIO DE FILIPE II!» E o Ferro, esse Ferro da Propaganda, que escreve no «Diário de Notícias» com o pseudónimo de «Cardeal Diabos», dizia numa das suas crónicas, que, atravessando a Espanha nacionalista via as cidades cheias de caritades, com a configuração do mapa da Península, em que não existia a fronteira portuguesa, cartazes que tinham uma única palavra escrita a toda a largura do mapa: UNIDAD. E o patriotismo desse traidor não lhe ditou um grito de revolta ou de protesto. Limitou-se a um estúpido comentário, redigido com uma graça duvidosa: «Amigos, amigos, unidade lá parte...»

Mas Salazar tem pressa. Quere terminar o negócio que há oito anos prepara. Quere leiloar, com urgência, os oito séculos de História de Portugal que, através de todas as traições, o povo português tem defendido, com o seu sangue e a sua vida.

Mas a independência está hoje mais comprometida do que nunca. Salazar tem pressa de assinar a escritura de venda.

Para conseguir os seus fins, reduziu, em primeiro lugar, o povo trabalhador à mais afrontosa miséria. Nunca, em época nenhuma, a crise foi tão geral. A fome reina nos campos e nas cidades, e já não são só os trabalhadores assalariados, os proletários, as suas únicas vítimas. Ela começou a entrar nos lares dos pequenos comerciantes industriais, e dos pequenos camponeses.

Depois de ter apertado todo o povo amante da liberdade e da sua Pátria, no cotele de forças da Legião Negra e da Polícia de Informação, espalhou os seus agentes por todo o país, que, sob a falsa promessa de bons contratos de trabalho nos campos e nas minas espanholas, engajam milhares e milhares de portugueses que, ludios, são mandados para Espanha. Chegados ali, enquadram-nos em tropas marroquinas ou italianas e, sem preparação militar, sem consciência da sua situação, são mandados para a frente da batalha, como carne de canhão.

Um dos agentes de Franco em Portugal, o Botelho Moniz, já afirmou que TEM MORRIDO MAIS PORTUGUESES EM ESPANHA, DO QUE MORRERAM NA GRANDE GUERRA!

Mas os enganados não param. Cada dia saem mais portugueses enganados. A fome leva-os a acreditar nas promessas de trabalhos pagos com bons salários. SÓ NA FRENTE DE ARAGÃO HA DEZ MIL PORTUGUESES ENTRE AS FORÇAS MERCENARIAS DE HITLER E MUSSOLINI!

Apesar de todas as vitórias que anunciam, apesar da certeza que têm na vitória, o fascismo internacional intensifica a invasão, deita mão aos últimos recursos. Só na semana passada, Hitler mandou mais sete navios carregados de material de guerra e militares.

E Salazar, obedecendo às ordens dos seus patrões, intensifica também a intervenção. Já não lhes chegam os pobres camponeses enganados. Querem técnicos. E Salazar, como ministro da guerra, mandou um convite a todos os quartéis, para que os sargentos e oficiais se oferecessem para ir combater para Espanha. Aos que aceitassem seria pago um soldo suplementar de 8000 diários aos argentes e 15000 aos oficiais. Esses soldos, pagos pela Nação seriam entregues em Portugal às famílias que teriam direito à pensão de sangue, no caso deles morrerem, e não morrendo ser-lhes-ia contado a dobrar o tempo que estivessem na Espanha, para efeitos de promoção e reforma.

SÃO 1.500 SARGENTOS E OFICIAIS QUE HITLER E MUSSOLINI EXIGEM A PORTUGAL!

Patriotas portugueses: negai-vos a seguir para a morte! Oficiais e sargentos: o vosso lugar é aqui, em Portugal, e se tiverdes de vos bater, batei-vos por Portugal, pela sua Independência! Que nem mais um português saia para lutar contra a Espanha! (pode-vos, dentro das vossas possibilidades, à traição de Salazar, à intervenção em Espanha!

CHECOSLOVÁQUIA ou ANGOLA?

A entrega de Angola aos alemães, é um dos problemas a que Salazar neste momento presta mais atenção. A serenidade, a consciência com que este novo Miguel de Vasconcelos traí o país, é arripante. Nunca a história de nenhum povo, registou um traidor mais completo.

Para poder manobrar à vontade, assenhoreou-se dos três ministérios, que no actual momento histórico são vitais para a vida do país: primeiro o das finanças, depois o da guerra e dos estrangeiros. No das finanças tem conseguido absolutamente os seus fins: reduzir a vida económica do país à última das misérias.

No ministério da Guerra, tem feito a mais descarada intervenção em Espanha, e no dos estrangeiros tem negociado a sua vontade com os seus patrões, Hitler e Mussolini, que o mantêm à frente dos destinos dum país que o odeia.

Mas não tem tarefas especiais em cada um deles, porque só da sua junção é que tem a garantia de poder realizar a obra de traição a que se impôs.

A entrega de Angola aos alemães, é um facto economicamente realizado há muito tempo, como o nosso jornal o tem demonstrado com factos e números. Ninguém ignora o que tem sido a política de Salazar neste sentido, e, para os que duvidassem de nós, basta-lhes a atitude levantada e patriótica, dum monárquico e católico como Paiva Couceiro, para os convencer.

Mas a Hitler não lhe agrada apenas poder explorar economicamente Angola. Quere mais. Quere que a sua soberania seja absoluta sobre aquele território africano.

Para isso—para que devia ser senão para isso?—foi a Berlim o major Afonso dos Santos, em missão especial do Ministério das Colónias.

E a missão devia ser de facto bem grave, pois doutra maneira não se explicaria que Salazar, que tão pronto está em publicar «notas officiosas» a propósito de tudo, não tivesse publicado uma sobre a missão que levou a Berlim aquele militar, sabendo que o país vive momentos bem inquietos sobre o destino dos seus territórios ultramarinos.

E' depois dessa «missão», que Hitler fez um dos seus discursos, em que apesar de ameaçar a Checoslováquia, não se lhe referiu directamente, mas referiu-se à questão colonial, afirmando: «FALTAM-NOS OS COMPLEMENTOS COLONIAIS».

Que os patriotas associem os dois acontecimentos, e tirem as conclusões necessárias!

Quantitamos apressadamente para a perda de Angola. Se o povo português não reagir abertamente contra a política de traição do fascismo, mas reagir depressa, talvez seja tarde quando o quizer fazer.

Faltava-nos apenas descobrir a maneira como Angola seria entregue a Hitler.

Embora não e possamos afirmar categoricamente, temos dados que nos permitem fazer conjecturas. E infelizmente, os acontecimentos vão-se precipitando, dando razão às mais pessimistas suposições.

O ministério dos Negócios Estrangeiros recebeu informações de que EM ANGOLA ENTRARAM CAIXOTES (alguns dos quais foram apreendidos) DESPACHADOS COMO CONTENDO ALFALIAS AGRICOLAS, MAS QUE ATISAL APENAS CONTINHAM MATERIAL DE GUERRA ALEMÃO!

Se associarmos este facto à notícia que circulou com muita insistência, e de que o «Avante!» fez eco, de que em Angola havia 6000 alemães e cada um deles tinha atrás de si 10 pretos ensinados a manejar armas; portanto que ao mais pequeno levantamento haveria 60 mil homens em armas contra Portugal, se associarmos tudo isto, ficamos esclarecidos sobre o destino que Salazar prepara à mais importante das colónias portuguesas.

As organizações nazis trabalham apressadamente em África. Os seus filhados não ocultam os fins que têm em mira de realizar, e, enquanto a Inglaterra salvaguarda os seus interesses nas antigas colónias alemãs de África, hoje sob o seu protectorado, preparando o seu ingresso na União Sul-Africana, a Portugal, sob um governo anti-popular e anti-nacional, trabalha apressadamente para entregar aos alemães Angola, que faz parte de Portugal desde séculos!

Portugueses: Urge que nos uniamos, como um só homem, num movimento de libertação nacional!

Salvemos a Independência Nacional da tutela do fascismo!

Lutemos à luta contra Salazar e os seus auxiliares na traição nacional!

Uma ampla Frente Popular poderá salvar Portugal!

Vida do Partido Emídio Guerreiro

Em virtude da actividade anti-partidária, cada vez mais acentuada, de Emídio Guerreiro, o Comité Central do P.C. Português deliberou expulsar da filiação do Partido o referido indivíduo.

Guerreiro, que após a sua admissão no Partido foi preso, conseguiu a liberdade sob promessa de entregar a polícia os que-ridos dirigentes do Partido, José de Sousa e Bento Gonçalves.

Guerreiro afirma que aceitou este encargo da polícia para prevenir Sousa e Gonçalves que esta lhe tinha aprendido um endereço susceptível de motivar a prisão destes nossos camaradas e que uma vez em liberdade o seu primeiro cuidado foi avisá-los do perigo que ele supunha correrem e depois, de acordo com eles, emigrar para Espanha.

O facto das camaradas Sousa e Bento se encontrarem incomunicáveis no Tarrafal, não tem permitido aos organismos dirigentes do P.C. comprovar as declarações de Guerreiro, e quando, deste, nos princípios de 1937, se apresentou ante o P., propondo-se realizar a actividade que este lhe designasse, foram-lhe notifi-cadas as graves suspeitas que sobre ele recaíam, mas como, após um rápido inquérito não tivessem sido encontrados indícios de que Guerreiro estivesse ao serviço da polícia, o Partido comunicou-lhe aceitar a sua colaboração, reservando-se para no decorrer desta, verificar praticamente a sua sinceridade e fidelidade ao movimento revolucionário.

Foi-lhe sugerido que a sua actividade devia de preferencialmente ser empregada na ajuda ao povo espanhol, em luta contra a coligação do fascismo internacional e que, transitariamente auxiliasse os trabalhos duma organização de massas que o P. andava fundando. Guerreiro declarou que esta comunicação vinha de encontro aos seus desejos, mas quando o P. achou dispensável a sua actividade na referida organização de massas, manifestou-se aparentemente de acordo, mas em algumas reuniões procurou pôr em conflito o P. com um pequeno grupo de activistas com quem estava ligado por amizade pessoal e de habitação comum, os quais pretendiam que Guerreiro continuasse actuando no seio da referida organização. Entrando no caminho de opposição às decisões do P., com as quais tinha concordado ao retornar a sua actividade partidária, Guerreiro tem utilizado os mais baixos processos, desde as ameaças de ruína até às repugnantes calúnias e insinuações contra os elementos mais dedicados do P., que militam no referido organismo. Na sua luta contra o P. não hesitou provocadoramente em ler perante várias pessoas cartas em que se tratavam de assuntos conspirativos tornando estes do conhecimento público. Ocultava igualmente que mantinha relações com o agente provocador Ferro Alves.

Quando foi conhecido altimamente pelo P. a cumprir as decisões com que tinha concordado,

Continua na página 3

Às mulheres portuguesas (Trabalho revolucionário)

Já são muitas, felizmente, as mulheres que trabalham para a revolução que derrubará a tirania que há cerca de doze anos oprime o povo português. Apesar disso ainda esse número é reduzido e com todas têm na sua actividade e dedicação, aquele critério de que resulta produção útil para o fim a que se destina.

O trabalho revolucionário tem espinhos, muitos espinhos, mas não serão eles que nos devem afastar. Quem trabalha sinceramente na revolução não deve fazer gala do seu interesse nem alardear vaidades. Quem vem para a revolução tem que contar com dificuldades, desgostos, sacrifícios e perigos de toda a ordem, para se saber defender e conjurar os perigos quer para nós próprios, quer para os outros, quer para essa mesma revolução que precisa de valorosos elementos e a mulher pode ser um deles.

A mulher revolucionária tem que ser discreta, e mesmo àquelas que saiba seus partidários deve dizer só o indispensável ao assunto que tem a tratar.

Não deve nunca, por razão nenhuma, espalhar o que sabe sobre nomes, moradas, processos de actividade, ou de vida, decisões, seja de que revolucionários for, porque a língua, essa imprudente companheira dos homens e das mulheres, tem causado aos próprios, a terceiros, e à causa, numerosos desastres!

Não deve possuir escritos, nomes e moradas de terceiros, que podem causar transtornos e complicações aos trabalhadores da revolução, deve conservar em seu poder, o menos tempo possível, os impressos comprometedores.

Se a mulher revolucionária tiver alguma informação útil para a causa ou para os revolucionários, deve procurar, com as cautelas devidas, assegurar-se da verdade e transmiti-la a alguém de confiança para que chegue, o mais breve possível, àquele que é particularmente visado. Se não conseguir informações concretas comunique o que sabe mas acompanhado da indicação de dúvida sobre o facto. Escreva o menos possível e quando o fizer que seja por forma que só outro revolucionário a compreenda. Os escritos são sempre perigosos.

A mulher tem de contar que o inimigo mais feroz, que de perto a vigia— a polícia, essa Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, mais conhecida pela Polícia de Informação. Essa vigilância é tanto mais perigosa porquanto não anda fardada, porque se serve de todos os meios para nos espiar, porque vive na sombra, porque tem informadores de ambos os sexos e em todos os meios, porque se fingem nossos partidários, que se infiltram por todos os lados, que nos provocam directa ou indirectamente, que, merced de um carácter vil e a troco dos esboços que recebem, denunciam, perseguem com uma maldade superior ainda àquela consignada nas leis de que somos vítimas.

Se percebemos que andamos seguidas, procedamos singelamente, desorientemos os nossos seguidores, afastemo-nos daqueles a quem poderíamos prejudicar ou nos poderiam prejudicar a nós, modemos de bairro ou de terra até que a nossa pista se perca e sejamos esquecidas.

Nunca, para nos defendermos, acusemos terceiros, ou lhes atribuamos a culpa dos nossos actos.

Mostrar medo, chorar, invectivar a Polícia, tratá-la com ironia, são atitudes condenáveis. O nosso medo, a nossa aflição, além de serem impróprios duma revolucionária, denunciam-nos como culpadas, a nossa agressão e ironia irritam, e preciso lembrar-nos que a Polícia é a força, quando na sua presença, somos nós a franqueza e a corda parte sempre pelo mais fraco.

Uma revolucionária por mais apertada que seja com perguntas, nunca desvende o que sabe, nunca se deixa subornar com gentilezas da Polícia. Antes de mais nada tem o dever de pensar na causa que defende e pela qual se sacrificou quando resolveu trabalhar para ela.

A revolução precisa de nós, precisa de muitas partidárias e todas nós, mulheres, e a criança carecem que a revolução se faça para os direitos que a vida lhes deve.

Lembre-mo-nos que o fascismo só pretende à mulher para servir e escrava do homem, máquina de reprodução, e que a protecção que alardeia à maternidade e à criança visam apenas à criação de novas fêmeas reprodutoras e à de mancebos que sirvam de carne para canhão.

Mulheres: trabalhemos, mas bem orientadas, a favor da vida melhor de amanhã.

A situação dos ferroviários

A direcção dos Caminhos de Ferro Portugueses, depois de ter conseguido do Estado autorização para aumentar todas as tarifas em 10%, prejudicando assim todo o pequeno comércio e agricultura em benefício dos tubarões da alta finança, continua a sua ofensiva, mas agora contra o pessoal.

A C.F., nas suas linhas e nas do Estado que explora por concessão, reduziu a remuneração de 75% que a lei aqui concedia aos ferroviários das outras companhias (exceptuando, porém, os ferroviários da Companhia da Beira Alta). Já veio a Lisboa uma comissão de Ferrovi-

ários da Companhia do Vale do Vouga, pedir a anulação desta medida, mas até agora não obtiveram mais do que promessas.

Entre os muitos desfalques do Conselho de Administração da C.F. há um de 15 contos, feito na Caixa de Aposentações e Reformas do respectivo pessoal.

O pessoal da C.F. tem uma Caixa de Sobrevivência para auxiliar a família (mulher e filhos menores) dos ferroviários mortos. Com o projecto de fusão de todas as caixas de aposentações que o Estado Novo pretende realizar, desaparecerá esta sobrevivência, medida

Grupo de Paris de Amigos do «Avante!»

Acaba de constituir-se em Paris um Grupo de Amigos do «Avante!», que conjuntamente com afectuosas palavras de encorajamento nos enviou a sua primeira contribuição de 500 francos, para a montagem da nova tipografia.

Aos compatriotas residentes em Paris que, neste momento difícil para a vida do nosso jornal, tão patrioticamente acorreram com o seu apoio moral e material, enviamos os nossos agradecimentos, pois deram um exemplo que outras cidades do estrangeiro sabemos que vai ser seguido por portugueses igualmente ciosos da Liberdade e da Independência de Portugal.

Amigos do Partido

Gravata rubra	10500
Bico	5800
P. P.	5800
Pouca sorte	5800
Louro	2850
Roxo	2850
Um velho redublicano . . .	10800
Venda de 2 «Avante!» . .	5800
Galán	20800
XXX	5800
M. N.	2850
M. A.	2800
A.F.B.	1850
C.A.B.	1850
A.F.	2800
Rifolô	2850
TOTAL	84800

POUR UMA Nova Tipografia

A.C.	5800
Z.4.	3180
Alm	5800
Grupo de Amadores . . .	5820
N.º 33	8870
N.º 34	6800
Número N.L.	20800
TOTAL	44080

Gralhas

Devido às condições especiais em que é composto o impresso, o nosso jornal aparece constantemente com muitas gralhas, que a boa vontade e inteligência dos leitores corrige. Mas há algumas que não podem passar sem a nossa correcção.

No último número, na quarta coluna do artigo de fundo, appareceu «A imprensa, com o seu poder orientador da opinião publica é toda fascista ou anti-fascista, quando devia estar «A imprensa, com o seu poder orientador da opinião publica é toda fascista ou semi-fascista.»

que encontra grande opposição nas massas ferroviárias.

As caixas de reformas, administradas pelas Companhias são um verdadeiro ludíbrio, pois, com a ilusão do futuro garantido, o pessoal é roubado desaccadamente: a todo o ferroviário do quadro descontam, para reforma, uma média de 30% sobre os ordenados e, quando se retiram do serviço, mesmo que tenham direito a reformas por inteiro, difficilmente obtêm 50% do ordenado.

Camaradas ferroviários, todos à luta pela manutenção dos 75%! Não consentamos que nos cerquem os direitos adquiridos, com a reforma da Caixa de aposentações!

Apelo do C. C. do P. C. da Alemanha ao povo alemão

Após de Marco Hitler assaltou o povo austríaco e oprimiu o militante da mancha, mais brutal. Este crime constitui um novo elo na sequência de provocações inauditas pelas quais Hitler empurra o mundo para a guerra.

O motivo que ele invoca na sua proclamação, é destinado a justificar ao mesmo tempo outras medidas de guerra contra outros países, particularmente contra a Checoslováquia. O fascismo hitleriano quer destruir a independência destes países e a liberdade dos seus povos.

Hitler invoca a pretensa libertação da Áustria para justificar o seu crime. Mas na realidade, ele privou o povo austríaco do direito de dispor de si próprio, e levou-lhe o terror sangrento. Hitler que escreveram tão cruelmente o povo alemão, não tem o direito de falar da libertação doutros povos.

As provocações de guerra de Hitler, precipitando o povo alemão a catástrofe, ameaçam a própria existência do povo alemão. De completo acordo com a verdadeira vontade do povo alemão, o P. C. alemão declara: o nosso povo quer a paz; nada tem de comum com o crime de guerra de Hitler. Nós fazemos um apelo ao povo alemão para lutar na união contra o crime do partido de guerra nazista; para a retirada imediata das tropas alemãs e dos bandos terroristas alemães da Áustria! A Liberdade e o direito de dispor de si mesmo para o povo austríaco!

Nos apelamos para os trabalhadores e para as organizações operárias do mundo inteiro e às internacionais para que formem imediatamente a frente única de combate contra o fascismo hitleriano, principal autor da conflagração mundial, para salvar a paz e a liberdade dos povos. Nós convidamos-os à luta para a criação de garantias internacionais contra as provocações de guerra ininterruptas de Hitler, para que se inicie uma grande campanha de solidariedade internacional para com o povo austríaco.

Nos apelamos para o povo alemão para que recite a propaganda chauvinista de Goebels, destinada a levar a Alemanha à Guerra. Opondo uma resistência comum às cargas e às privações esmagadoras que esta política de guerra vale ao nosso povo! Luta contra a opressão, contra a violência e a mentira no vosso próprio país, luta pela vossa própria liberdade, pelo vosso próprio direito. Cria a frente única e a frente popular de todos os trabalhadores da Alemanha!

Nos apelamos para os dirigentes da Social-democracia alemã e para todos as organizações social democratas para um entendimento imediato com o Partido Comunista e com as organizações comunistas, para mobilizar em comum o povo alemão contra os crimes da guerra de Hitler.

Nos fazemos apelo ao povo católico da Alemanha para uma luta comum contra os crimes de guerra do fascismo hitleriano, contra a perseguição e opressão da religião na Alemanha, as quais se

O EXEMPLO DA COMUNA DE PARIS e o seu patriotismo

18 de Março de 1871. A Comuna de Paris!

A memória dos seus mártires vive sempre como num santuário no coração do povo.

E, nestes dias trágicos, em que a guerra ronda o mundo, semeando sobre três continentes — a Ásia, a África e a Europa — seus estragos, suas devastações e seus massacres, nós pensamos com emoção nos heróis gigantes da Comuna que foram, ao mesmo tempo que precursores da libertação humana, patriotas esclarecidos, vigorosamente levantados contra a abominável traição das classes possuidoras.

Alguns factos históricos

O imperador dos franceses, Napoleão III, tinha declarado guerra à Prússia, a 18 de Junho de 1870. Desde 18 de Agosto, a seguir a batalhas extremamente duras e sangrentas, o exército francês achava-se cercado em Metz.

A 2 de Setembro, Napoleão capitulava em Sedan. Os alemães podiam livremente marchar sobre Paris.

A traição tinha feito a sua obra.

As notícias dos desastres sublevaram a indignação do povo de Paris.

O império estava desacreditado.

A 4 de Setembro, a república era proclamada na Câmara Municipal.

Constituiu-se um governo provisório de defesa nacional, mas, devidos entre cumprir o dever nacional e o interesse de classe a salvaguardar, os homens do 4 de Setembro faziam deste governo de Defesa um governo de fraqueza e de deserção nacional.

O povo de Paris mostrava-se perseverante. Resistia.

Ele foi traído e, quando a capitulação foi assinada, o primeiro cuidado de Thiers & C.^a foi enviar tropas de combate com ordem de retirar a artilharia que pertencia à guarda nacional.

A tentativa fracassou. Paris levantou-se como um só homem. Foi a gloriosa jornada de 18 de Março. E a Comuna não seria vencida senão na semana sangrenta de Maio, graças à cooperação de Thiers e dos alemães.

Bazaine, a imperatriz Eugénia, os chefes bonapartistas traíram a França para restabelecer o império.

Thiers e os seus cúmplices, na esperança de uma restauração monárquica, para impedir o povo de Paris de instaurar um regime de liberdade e de bem estar, e para fazer pagar às massas laboriosas do país os custos da guerra, traíram o seu país.

Em 1870, Luís XVI e os aristocratas emigrados não tinham hesitado, também, em chamar o estrangeiro em favor da contra-revolução.

A história mostra-nos que, desde que os seus interesses egoístas estão em jogo, a grande burguesia esquece os seus juramentos e as suas frases grandiloquentes sobre a honra, a lealdade, a humanidade, o respeito da palavra dada, e recorre às armas mais vis da traição e do crime.

Hoje, acontece o mesmo.

O povo verifica que se a França não foi ainda directamente atirada para a guerra, está gravemente ameaçada de sê-lo. Ele tem a sensação bem nítida que a França está cercada e que sobre ela pode abater, de repente, o furacão da guerra.

Os dolorosos exemplos da invasão da China, da Etiópia e da Espanha estão sempre presentes à sua memória.

Seu nenhuma justificação, as tropas de Hitler, de Mussolini e do Mikado invadem os territórios, destroem os bens, mais preciosos da cultura humana, bombardeiam e incendiam as cidades abertas e massacraram inocentes populações de não-combatentes.

A conquista da Áustria e os discursos incendiários de Hitler e Goering, ameaçando as democracias dumha chuva de ferro e aço aumentaram ainda o sentimento do perigo.

Quando Hitler tor o Senhor absoluto da Europa Central, quando ele tiver conquistado o trigo húngaro, o petróleo romeno, as fábricas metalúrgicas da Checoslováquia e as minas espanholas, as colónias portuguesas, será muito tarde. Será para a França e os povos livres, a servidão e a morte.

Mas as oligarquias financeiras, os peregrinos de Burgos, de Roma e de Berlim, e outros agentes de Hitler, sabotam sistematicamente a união da nação francesa.

Eles agem na França, como um Francó na Espanha, um Seiss-Inquart na Áustria, um Henlein na Techeoslováquia e um — alazar em Portugal.

A salvação está na união dos operários, dos camponeses, dos intelectuais, dos trabalhadores de todas as condições, na união dos comunistas, dos socialistas, dos democratas, na união de todos os que amam o seu país e o querem proteger do fascismo e da guerra.

batem agora também sobre o povo católico austríaco.

Amigos da paz e da Liberdade! Operários, camponeses, classes médias, intelectuais, juventude a-

Apelo do P. C. da Checoslováquia

Todos os que querem a paz, que se indignam com a violação do solo austríaco, que têm o sentimento do direito e da justiça, todos se voltam para os acontecimentos internacionais de paz, para os responsáveis dos tratados que têm a salvaguarda dos países vítimas das agressões e exigem: fazer parar o emprego dos métodos de violência fascista, defendei a paz, defendei os tratados internacionais, assegureis o direito da justiça na causa da independência austríaca e na dos países da Europa Central...

E' preciso continuar:

Que todo o povo esteja cheio de uma vontade unitária. E' preciso que a nossa firmeza e a nossa decisão na defesa da independência do país sejam inabaláveis, é preciso que a nossa confiança em nós próprios, no povo da Checoslováquia e os aliados da República, sejam mil vezes maior.

Que toda a Checoslováquia a ressoe, hoje, dum grito mais poderoso: Viva a independência e a liberdade da Checoslováquia! Nós resistiremos seja por preço qual! O nosso sangue e a nossa vida pela liberdade dos povos da Checoslováquia! Abaixo o derrotismo e a cobardia!

Na sua conclusão, o apelo dirige-se aos partidos socialistas em vista de negociações imediatas com os comunistas para a criação da frente operária unida da defesa da República, assim como para organizar acções unitárias nas fábricas e nas localidades e para formar comissões operárias unitárias de vigilância para a salvaguarda da República ameaçada.

O apelo acaba por:

Viva a frente única de defesa da República e da independência da Checoslováquia! A classe operária unificada, o povo unificado, dão à República a força de resistir, quaisquer que sejam os acontecimentos que se venham a dar.

Continuado da página 2

leveu este caso estritamente particular ao fortalecimento dos seus amigos com o intuito de os opor às decisões do P., o que conseguiu em parte, e por fim procurou filiar-se num Partido Comunista irmão, para obter por meio deste a anulação das decisões tomadas.

Por este resumo de perniciosas actividades anti-partidária que a falta de espaço e motivos conspirativos nos não permitem alongar, fica sobejamente demonstrada a justiça da decisão do C. C.

O P. C. que se orgulha de contar nas suas fileiras intelectuais da tempera dum Alberto Araújo, e tantos outros que a causa dos trabalhadores têm dado e continuam dando o melhor da sua inteligência e actividade, o sacrifício da sua vida e saúde, não podia tolerar nas suas fileiras um intelectual desleal, ficando que no decorrer da sua escassa actividade partidária se revelasse como um elemento indisciplinado, arrivista e provocador.

O mesmo tempo que cancela as suas fileiras de tais elementos, o P. C. põe em guarda todos as organizações "anti-fascistas" contra os maneios de que são capazes tais indivíduos, quando conseguem infiltrar-se no seu seio.

lemá, uni as vossas forças para a paz, o direito e a liberdade! Credi por toda a parte a frente de paz contra a frente da guerra e do fascismo!

Ainda o julgamento dos traidores bukarinistas

Notas dum assistente-George Cogniot, antigo secretário da internacional dos trabalhadores do ensino, deputado por Paris.

Orador hábil, Rakovski tentou, ao terminar as suas confissões, emocionar os juizes, pretendendo com grande eloquência que quando da notificação da guerra de agressão contra os povos da Espanha e da China, já tinha feito o julgamento de si próprio na calma e no silêncio da prisão.

Eles ali estão sobre mim olhar, guardados por tres soldados do Exército Vermelho. Falam quando querem auxiliados com as suas notas e documentos. Alguns são assistidos por defensores que escolheram. Nomeio de uma numerosa multidão de representantes dos trabalhadores de Moscovo, mais de 20 jornalistas estrangeiros e cinco embaixadores assistem ao julgamento.

Mas, na realidade, não há vestígios de ideias em toda a atmosfera envenenada que envolve o banco dos réus. Os que ali estão sentados, sob figuras humanas, são renegados e homens que quiseram fazer carreira do modo mais vil, que puseram em nada de humano a sua patria socialista em leilão, e que tentaram vender a paz aos fazedores de guerra fascistas para chegarem, por qualquer processo, ao poder.

A formula de acusação

A instrução julga estabelecido que:

1) Em 1932-33, por instância dos serviços de espionagem de Estados estrangeiros hostis à U.R.S.S., os acusados deste processo constituíram um grupo de conspiradores chamados «bloco dos direitistas e dos trotskistas», propondo-se fazer espionagem em proveito de Estados estrangeiros, sabotagem, actos de diversão, terrorismo; minar o poder militar da U.R.S.S., provocar uma agressão militar desses estados contra a U.R.S.S., obter a derrota da URSS; o desmembramento da URSS, desligar dela a Ucrânia, a Belorússia, as repúblicas da Ásia Central, a Georgia, a Arménia, Azerbaidjan, a Região marítima do Extremo Oriente, em proveito dos Estados estrangeiros acima referidos, e enfim, abater o regime social e estático socialista existente na URSS e restaurar o capitalismo na URSS e o poder da burguesia.

2) O «bloco dos direitistas e dos trotskistas» pôs-se em relação com certos Estados estrangeiros para obter um auxílio em armas para a realização dos seus desígnios criminosos.

3) O «bloco dos direitistas e dos trotskistas» fez sistematicamente espionagem em proveito destes Estados, financiando nos serviços de espionagem estrangeiros segredos do Estado da mais alta importância.

4) O «bloco dos direitistas e dos trotskistas» executou sistematicamente actos de sabotagem e de diversão em diversos domínios da edificação socialista (na indústria, na agricultura, nos caminhos de ferro, no domínio das finanças, de economia comunal, etc.)

Notícias de Espanha

«Desde a alvorada ao crepúsculo, sem cansaço, a aviação, a artilharia, as colunas motorizadas italianas, inquietam, bombardeiam as tropas republicanas, saqueiam as cidades por onde passam. Vê-lo dessas frentes onde assisti, ao desvio do movimento da ofensiva fascista e à tomada de Alcaniz, pelas formações motorizadas italianas.

«As 9 horas da manhã, uma hora e meia antes das tropas italianas terem entrado na cidade, encontrando-me ainda em Alcaniz, pude assistir à partida dos habitantes que ainda não tinham saído. Como em Málaga, quando da chegada de divisões italianas, o povo de Espanha fugia ante o invasor, atirando-lhe à cara o seu desprezo.

Quereria poder dizer-vos todos os detalhes desta jornada, insistir no admirável sangue-frio dos oficiais deste exército popular espanhol que, afirmando mais uma vez as suas qualidades no decurso desta retirada, salvaram nalgumas horas todo o material de guerra que se encontrava na cidade.

Os dias que vivemos, mais uma vez nos provaram que os governamentais eram capazes de todos os sacrificios, mas que sendo a guerra moderna aquilo que o progresso técnico a tornou, isto é, uma guerra na qual o material representa um papel importante, há momentos em que este pode assegurar uma vantagem momentânea a um dos partidos em presença. E para acabar com esta desproporção existente entre o equipamento técnico dos governamentais e o das divisões e da aviação italianas, que o governo espanhol vai dirigir no futuro todos os seus esforços.

O nosso partido irmão pede que seja decretada a mobilização geral, que 100.000 sindicados sejam enviados para as frentes para construir fortificações, que as indústrias de guerra sejam reorganizadas. Os jovens socialistas unificados vão mobilizar todos os adeptos que seguiram os cursos de educação premilitar e constituir quatro divisões que serão postas à disposição do governo dentro de alguns dias.

A situação é, de facto séria. Mas o povo espanhol que salta triunfante de provas muito mais difíceis, já mostrou que era capaz de rectificar situações muito mais perigosas. No ano passado, por esta época, as divisões italianas atacavam em Guadalajara, onde os governamentais foram obrigados a recuar mais de 50 quilómetros. Mas, alguns dias mais tarde, as tropas populares, que tinham cedido e fugiam ante a superioridade técnica do inimigo, contraatacaram brilhantemente, e em meios reduzidos, e conseguiram uma das maiores vitórias da história contemporânea.

«O triunfo pertence-nos» declara o general Miajas

«Enquanto houver soldados republicanos, ganharemos a guerra, apesar dos momentos difíceis que temos de passar», declarou o general Miajas aos representantes do comité suco de auxílio à Espanha, que o visitaram por ocasião da chegada de um comboio de víveres.

«A guerra é assim — acrescentou o general Miajas — um dia avança-se, outro recua-se, mas só conta o resultado definitivo. E este resultado — o triunfo — pertence-nos».

Três sucessos do P. C. Francês

Três eleições na região parisiense, três sucessos para o Partido Comunista francês.

«Quêles que usavam o partido do P. C. da França como o partido da guerra, o povo da região parisiense acaba de dar uma significativa réplica.

Em Aubervilliers, no feudo de Laval o Cagoulard, Maurice Léonard ganhou, na primeira volta, as eleições para o conselho geral municipal, apesar da campanha ignóbil conduzida pela equipe Laval-Doriot.

Em Pantin, o nosso camarada Marcel Lambry alcançou 3.402 sufrágios — cerca de 200 votos da maioria absoluta.

E na 12.ª «arrondissement», o nosso camarada Carliou ganhou, na primeira volta, o lugar de conselheiro municipal de Pont-de-Flandre.

No decurso destas campanhas eleitorais, o Partido defendeu o programa da Frente Popular, apelou para todos os franceses que querem a defesa da França, estendeu a mão aos católicos liem como aos radicais e socialistas para a União, uma união sempre

Na Bélgica

«O partido operário belga proclamara, solenemente, no seu último congresso, a sua indefectível dedicação à Sociedade das Nações, à segurança colectiva, à assistência mútua... A proclamação solene do Congresso Socialista podia ser uma garantia contra novos desvios para a rota da política dos Estados fascistas. Acontece que esta garantia foi rasgada como um vulgar pedaço de papel, pelo Conselho Geral do Partido Operário que, em 4 de Março aprovou por esmagadora maioria a política externa profascista de Spaak... É necessário dizer-se que esta vitória de Spaak foi aplaudida pelos elementos da imprensa reacçãoária?

A invasão da Áustria acabou por convencer muita gente que a «garantia» da independência da Bélgica por Hitler, solicitada e aceite por Spaak é uma zombaria amarga.

mais estreita para a defesa da paz.

As massas populares francesas responderam dum maneira admirável aos ataques feitos no nosso Partido irmão, dando a sua total aprovação à política do seu Comité Central.

A Itália e a anexação da Áustria

«Nunã a Itália tolerará a evidente violação de tratado que representa a anexação da Áustria pela Alemanha. Eis a que Mussolini declarou em 1925, no Senado italiano.

«O Grande Conselho fascista considera o que se passou na Áustria como a realização de um estado de coisas efectivamente preexistente na Áustria e como a expressão real do sentimento e da vontade do povo austriaco. Eis o comunicado da instituição suprema do Estado fascista italiano, em 12 de Março de 1938, por ordem de Mussolini.

Durante dois anos, os jornais fascistas não cessaram de proclamar que a amizade entre a Itália fascista e a Alemanha hitleriana era a melhor garantia da independência austriaca... E a máscara caiu definitivamente: o eixo Berlim-Roma significa a capitulação da Itália ante a Alemanha na Europa Central, equivale ao reconhecimento do predomínio alemão, desde as costas do Adriático até ao mar negro.

A chegada das tropas nacional-socialistas ao Brenner acentua certamente a hostilidade popular em face do eixo Berlim-Roma e fará aumentar a oposição da opinião pública italiana — incluída a de uma parte dos fascistas — contra a política de traição de Mussolini.

Os mesmos extraviados A mesma espionagem

Os Mussolini, os Doriot, os Laval foram militantes, e quem ousaria, hoje, tomar a defesa desses homens que seguiram o mesmo caminho que os seus congéneres chamados hoje a prestar contas ante os povos da U.R.S.S.?

Vários dos acusados foram membros do Partido Comunista. Pouquíssimos foram — ao contrário do que levianamente se diz — amigos de Lénine! Partilharam entretanto no desenrolar do grande movimento dirigido por Lénine e Stáline, combatendo os abertamente os surdamente.

Depois desmascaram-se voltaram-se, com Trotski, contra a obra de Lénine, em via de realização. Ouvimos dizer: «Não podemos errar numa tração dessas! Mas perdão, acreditais na do sr. Doriot que era, ontem ainda, um dirigente da nossa Internacional e que se ofereceu ao fascismo para aniquilar o Comunismo? Acreditais na traição de Benito Mussolini?

Na nossa época, em que o capitalismo ameaçado e inquieto cambaleia, há traidores, extraviados, miseráveis que o fascismo em toda a parte emprega para a sua tarefa contra-revolucionária. Todas as revoluções conheceram isto.

5) «O bloco dos direitistas e dos trotskistas» organizou vários actos terroristas contra os chefes do Partido da U.R.S.S. e do Governo Soviético e realizou actos terroristas contra S. Kirov, V. Menjinski, Koulbychev, A. Gorki.

Todos os acusados aceitaram os depoimentos das testemunhas e os documentos e as provas juntos ao dossier, e se reconheceram inteiramente culpados dos crimes de que são acusados.